



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - INGLÊS**

THALIA DA SILVA DE ANDRADE SOUZA

**PUXANDO O LENÇOL DO FANTASMA: SÁTIRA AO GÊNERO GÓTICO NO
ROMANCE A ABADIA DE NORTHANGER DE JANE AUSTEN**

**CAMPINA GRANDE
2023**

THALIA DA SILVA DE ANDRADE SOUZA

**PUXANDO O LENÇOL DO FANTASMA: SÁTIRA AO GÊNERO GÓTICO
NO ROMANCE A ABADIA DE NORTHANGER DE JANE AUSTEN**

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras - Inglês.

Área de concentração: Literatura Inglesa

Orientador: Prof. Dr. Valécio Irineu Barros

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729p Souza, Thalia da Silva de Andrade.
Puxando o lençol do fantasma [manuscrito] : sátira ao gênero gótico no romance A abadia de Northanger de Jane Austen / Thalia da Silva de Andrade Souza. - 2023.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Prof. Dr. Valécio Irinei Barros, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Gótico. 2. Sátira. 3. Análise literária. I. Título
21. ed. CDD 801.95

THALIA DA SILVA DE ANDRADE SOUZA

**PUXANDO O LENÇOL DO FANTASMA: SÁTIRA AO GÊNERO GÓTICO NO
ROMANCE A ABADIA DE NORTHANGER DE JANE AUSTEN**

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras - Inglês.

Área de concentração: Literatura Inglesa

Aprovada em: 24/11/23.

9,5

BANCA EXAMINADORA

Valécio Irineu Barros

Prof. Dr. Valécio Irineu Barros (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Giovane Alves de Souza

Prof. Me. Giovane Alves de Souza (examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thiago Rodrigo de Almeida Cunha

Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Este trabalho não seria possível sem: meu orientador, cuja dedicação e conhecimento foram essenciais para a conclusão deste trabalho; meus pais; minha avó materna e amigos que me apoiaram ao longo de todos estes anos na universidade.

“Aquele que, homem ou mulher, não sente prazer na leitura de um bom romance deve ser insuportavelmente estúpido.”
(Austen [1817] 2018, p.108).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
1.1	Contextualização.....	7
1.2	Justificativa da escolha do tema.....	8
1.3	Metodologia.....	9
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	10
2.1	O que é sátira?.....	10
2.2	O que é gênero gótico?.....	11
3	PUXANDO O LENÇOL DO FANTASMA: SÁTIRA AO GÊNERO GÓTICO NO ROMANCE A ABADIA DE NORTHANGER DE JANE AUSTEN.....	13
3.1	A subversão das expectativas do leitor.....	13
3.2	Ironia Narrativa.....	15
3.3	Desmistificação dos Elementos Góticos.....	16
3.4	Crítica à Sociedade e ao Consumo Literário.....	17
3.5	Paródia de Personagens Góticos.....	20
3.6	Desfecho Romântico Realista.....	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
	REFERÊNCIAS.....	24

PUXANDO O LENÇOL DO FANTASMA: SÁTIRA AO GÊNERO GÓTICO NO ROMANCE A ABADIA DE NORTHANGER DE JANE AUSTEN

Thalia da Silva de Andrade Souza¹

RESUMO

O Período Georgiano (1714-1830) foi marcado por grandes avanços na sociedade Inglesa pela convergência da Revolução Industrial e do Iluminismo. Nele floresceu o gênero gótico através de obras como *Os Mistérios do Castelo de Udolfo* (1794), de Ann Radcliffe, e *O Monge* (1796), de Matthew Lewis. Influenciada pelo gênero gótico, Jane Austen escreveu *A Abadia de Northanger* (1817), romance cuja protagonista é uma jovem apaixonada por leituras góticas. Este trabalho, de cunho bibliográfico e exploratório tem como objetivo analisar como Austen constrói sua sátira aos tropos góticos. Como suporte teórico, foram usadas as contribuições de Frye (1973), Fergus (1983), Mac Adam (2005), Todd (2006) e Beard (2007), teóricos que se dedicaram à história e à trajetória da literatura gótica. Concluímos que para construir sua sátira, Austen utilizou diversos recursos literários como: subversão de expectativas do leitor, ironia narrativa, paródia, desmistificação de clichês e desfecho romântico realista.

Palavras-chave: Jane Austen. A Abadia de Northanger . Gótico. Sátira.

ABSTRACT

The Georgian Period (1714-1830) was marked by significant advancements in English society, driven by the convergence of the Industrial Revolution and the Enlightenment. During this era, the gothic genre flourished through works such as Ann Radcliffe's "The Mysteries of Udolpho" and Matthew Lewis's "The Monk." Influenced by the gothic genre, Jane Austen created "Northanger Abbey" (1817), a novel featuring a protagonist passionate about gothic literature. This bibliographic and exploratory work focuses on this novel, aiming to analyze how Austen constructs her satire of gothic tropes. Theoretical support was drawn from the contributions of Frye (1973), Fergus (1983), Mac Adam (2005), Todd (2006), and Beard (2007) —theorists dedicated to the history and trajectory of gothic literature. Our conclusion highlights that Austen employed various literary devices, including subversion of reader expectations, narrative irony, parody, demystification of clichés, and a realistic romantic resolution.

Keywords: Jane Austen. Northanger Abbey. Gótico. Sátira

¹ Aluna de graduação de Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: thalia.souza@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

No decorrer dos séculos a literatura vem nos encantando através da criação e difusão de histórias, além de ser uma das formas mais importantes e significativas de expressão humana. Ela permite-nos explorar a condição humana, suas experiências e desafios compartilhados, incluindo emoções como amor, tristeza, medo e alegria. A literatura pode transportar-nos para o mundo imaginário ou pode ajudar-nos a compreender e processar as nossas próprias vivências.

A literatura gótica é um gênero que frequentemente explora o lado mais sombrio da condição humana. Geralmente, trata de temas como morte, loucura, eventos sobrenaturais e medo. As obras de autores como Horace Walpole, Ann Radcliffe e Mary Shelley são exemplos clássicos da literatura gótica. Através da narrativa de *A Abadia de Northanger*, Jane Austen faz uma paródia do gótico, satirizando os tropos e convenções dos romances desse gênero. Foi pensando nisso, que, ao longo da graduação, desenvolvi um grande interesse pelo gênero gótico e pela obra de Jane Austen, o que culminou neste trabalho.

Nesta proposta de trabalho bibliográfico e qualitativo, de cunho exploratório, nós objetivamos destacar dois aspectos: a sátira, na qual buscamos compreender o humor e a ironia na narrativa de Austen, bem como o próprio gênero gótico e sua influência na literatura do século XVIII.

Para tanto, serão utilizadas as contribuições de teóricos do gótico como Fergus (1983), Beard (2007) e Todd (2006) dentre outros. Por fim, será apresentado um resumo dos achados da pesquisa.

1.1 Contextualização

Nascida em 16 de dezembro de 1775 em Steventon, Reino Unido, a romancista inglesa Jane Austen durante seus vinte e cinco anos de idade testemunhou progressos políticos, revoluções e a industrialização na Inglaterra do século 18. Entretanto, nas suas obras literárias, a novelista não trazia para suas narrativas esses fatos históricos, preferindo focalizar nas relações de classe. Austen levava uma vida simples e confortável. Desde criança, gostava de ler e foi incentivada por sua família a começar a escrever.

Quando jovem se mudou para uma cidade chamada Bath com seus pais e irmã. Os lugares onde ela morou serviram como inspiração para suas narrativas românticas. Com o falecimento do seu pai, em 1805, a escritora, juntamente com sua mãe e irmã, mudou-se para Southampton. Porém, anos depois, as três mulheres se estabeleceram em Chawton Cottage, em Hampshire, onde Austen residiu até o fim de sua vida, em 18 de julho de 1817. Em 1811 suas obras *Razão e Sensibilidade* e *Orgulho e Preconceito* foram publicadas, logo depois, a escritora completou mais três romances intitulados *Mansfield Park*, *Emma* e *Persuasão*. No entanto, seus romances foram publicados usando o nome By a Lady² com a supervisão de seu irmão Henry, incluindo suas obras póstumas: *A Abadia de Northanger* e *Persuasão*, em 1818.

Na escrita de Austen podemos perceber uma combinação de romantismo e realismo, mesmo que o romance seja cheio de drama emocional, também encontramos na narrativa realidades sociais e econômicas. Além disso, seus romances são caracterizados pelo tom irônico e pela crítica social. Suas personagens

² By a Lady: pseudônimo que Austen usava para publicação de seus romances.

principais são femininas e por meio delas Austen nos apresenta o universo das mulheres no final do século XVIII e início do XIX.

No romance *A Abadia de Northanger*, acompanhamos a trajetória da adolescente Catherine Morland, seus amigos e familiares. A heroína da narrativa deixa a fazenda onde morava para visitar o balneário de Bath, localizado na Inglaterra, onde se porta de acordo com o costume da classe burguesa da Inglaterra do século XIX. Em Bath, Catherine passa seus dias visitando alguns cidadãos da cidade e participa de bailes, nos quais conhece dois rapazes, John Thorpe e Henry Tilney, através de suas respectivas irmãs, Isabella e Eleanor.

Por preferência, Catherine se aproxima de Henry, que a envolve com seus amplos conhecimentos sobre literatura e história. O pai de Eleanor e Henry, o General Tilney, a convida para visitar sua propriedade, a Abadia de Northanger, animada com o convite, Catherine embarca nesse fascinante cenário antigo e sombrio.

Inicialmente, a obra *A Abadia de Northanger*, era um manuscrito intitulado “Susan”, mas o irmão de Austen, Henry, modificou para o título atual. Trata-se de um romance narrado em terceira pessoa que apresenta nuances góticas. Jane Austen é conhecida literariamente pela forma sutil de mostrar os costumes burgueses da sociedade da sua época, ao exibir, em sua ficção, fatos do cotidiano e usar como parte de seus enredos o cenário da sala de estar no interior das mansões da aristocracia rural e seus sofisticados bailes. Elementos esses que podemos visualizar na história de seus personagens. Entretanto, em *A Abadia de Northanger* algumas descrições são feitas pela personagem principal, Catherine, que carrega a narração para um espaço gótico, cheio de elementos fantasmagóricos, que em geração são fruto de sua fértil imaginação.

1.2 Justificativa da escolha do tema

O Período Georgiano (1714 a 1830), assim chamado devido aos reinados dos primeiros quatro reis Hanoverianos, todos chamados de George, foi uma época de grandes mudanças na Inglaterra, marcado pela Revolução Industrial, a ascensão da classe média e o Iluminismo. Além disso, o gênero gótico floresceu nessa época, com autores como Ann Radcliffe, Horace Walpole e Mary Shelley, que escreveram algumas das obras mais influentes do gênero, impactando a literatura mundial.

Despertando emoções e o imaginário para o espanto, o romance gótico apresenta uma história cheia de mistério, suspense e sobrenatural, ao contrário das histórias mais realistas. Enquanto o romance gótico pode apresentar personagens como fantasmas, vampiros ou outros seres sobrenaturais, um romance romântico se concentra em pessoas e situações cotidianas. É o caso da maioria dos romances de Austen, como *Razão e Sensibilidade* e *Orgulho e Preconceito*. Neste contexto, *A Abadia de Northanger* constitui uma exceção, na medida em que nele encontramos muitos elementos de gênero gótico, como a misteriosa Abadia e os romances de terror que a protagonista Catherine lê. Por outro lado, também é um romance que trata de questões realistas como classe social e papéis de gênero.

A arquitetura de castelos e catedrais adicionou fascínio a esse gênero. Nos últimos anos, cresceu o interesse pelo gênero gótico, como se pode ver pelo sucesso de filmes e séries como “Entrevista com o Vampiro” e “The Haunting of Hill House” com a intenção de trazer este gênero para novos públicos. Na verdade, a popularidade do gênero gótico começou no fim do século XVIII, retornando no fim dos séculos XIX e XX.

Temas que abordam o medo do desconhecido e do sobrenatural apelam ao desejo da audiência por excitação e suspense. E, nesse sentido, o gênero gótico permite que leitores e espectadores explorem situações mais sombrias e perturbadoras de forma tranquila.

Na obra *A Abadia de Northanger*, Jane Austen, deixa no esquecimento temas habituais como casamento e comédia de costumes. Ao invés disso, a autora traz elementos satíricos de uma forma inteligente e engraçada, utilizando vários recursos para zombar das convenções do gênero gótico com a finalidade de explorar a obsessão contemporânea pelo sobrenatural, abordado na literatura.

Neste sentido, a pesquisa oferecerá interessantes percepções sobre o contexto histórico do romance, pois a obra reflete não apenas nas convenções literárias da época, mas também os valores e preocupações da sociedade georgiana. Com base no cenário anteriormente retratado, a principal questão de pesquisa que norteia o presente estudo é: Que estratégias Jane Austen usa para satirizar as convenções do gênero gótico no romance *A Abadia de Northanger*?

1.3 Metodologia

A pesquisa empregada neste trabalho é qualitativa e bibliográfica, com foco em análise textual. A pesquisa bibliográfica envolve uma revisão da literatura, de modo a estabelecer o contexto e os antecedentes do tema de pesquisa. Uma das principais características da pesquisa bibliográfica é que segue um conjunto de procedimentos bem definidos, como afirma Silva, Oliveira & Silva:

Neste paradigma, o que caracteriza a pesquisa bibliográfica é o conjunto de procedimentos previamente planejados que buscam soluções para determinado objeto e problema de pesquisa. Essa definição de procedimentos é que validará todas as ações como premissa essencial da pesquisa bibliográfica (2021, p. 93).

Ou seja, os procedimentos de pesquisa bibliográfica consistem no levantamento, seleção, registro e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa, dessa forma orienta o pesquisador durante o processo de pesquisa, garantindo que a pesquisa seja conduzida de maneira sistemática e lógica. Também ajuda a validar os resultados da investigação e a garantir que a investigação é credível e fiável. Assim como a pesquisa qualitativa é um método de pesquisa em ciências sociais que se concentra no estudo do comportamento e das experiências humanas. Não se trata de medir ou quantificar essas experiências, mas sim de compreendê-las em profundidade. Segundo Silva, Oliveira & Silva (202, p. 94) “A pesquisa qualitativa está inserida no campo das ciências sociais e trabalha com as realidades que não podem ser quantificáveis, ou seja, trabalha com o universo humano, suas questões e implicações”. Isto é, a abordagem qualitativa permite aos pesquisadores obter uma compreensão mais profunda da experiência humana e de suas complexidades, assim, a natureza complexa e multifacetada do comportamento e da experiência humana não pode ser reduzida a números e estatísticas.

Com objetivo de analisar a sátira ao gênero gótico na obra de Jane Austen, dividimos o presente estudo em dois procedimentos principais: 1) explicação dos conceitos de sátira e gênero gótico; 2) análise de suas manifestações no romance *A Abadia de Northanger*. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais acerca do estudo.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Esta seção será dividida em duas subseções. A primeira fornece uma contextualização sobre o que é sátira, associando com a obra *A Abadia de Northanger*. No segundo e último, analisamos o que é gênero gótico, sua origem e suas características.

2.1 O que é sátira?

A sátira é uma forma de humor crítico que utiliza exagero, ironia e sarcasmo para expor falhas e vícios. Ao usar o humor para destacar o absurdo de uma situação, os satíricos podem chamar a atenção para questões importantes e encorajar as pessoas a pensar criticamente sobre elas. *A Abadia de Northanger* de Austen é um grande exemplo de literatura satírica, já que usa a paródia e a ironia para satirizar os romances góticos.

Surgindo através da observação dos vícios e das distorções morais e sociais, a sátira compõe um discurso ou texto literário com construção poética, cheia de ironias e sarcasmo, que se opõem às ideias, costumes e questões de uma época. Composições satíricas foram particularmente influentes na literatura inglesa dos séculos XVII e XVIII. A sátira também pode assumir muitas formas e refletir contextos diferentes, como afirma Gilmore (2018):

[...] a sátira provavelmente incluirá – mas certamente não está limitada a – não apenas versos satíricos, mas também romances, peças de teatro, desenhos animados, filmes de cinema, programas de televisão e material encontrado online em formatos como mídias sociais e clipes do YouTube (Gilmore, 2018, p. 3-4).³

Posto isso, a sátira evoluiu ao longo do tempo e se adaptou às diversas formas de mídias. A internet e as mídias sociais mudaram a forma como vivenciamos e nos envolvemos com a sátira. Por exemplo, atualmente podemos ler textos satíricos, seja na forma de memes, vídeos ou artigos.

A sátira também desperta energia e sentimentos verdadeiros e humanitários, uma sátira pode ser levemente humorística ou espirituosa, como afirma Quintero (2007, p. 3): “Certamente, uma sátira pode cair totalmente sem graça ou uma sátira pode ser vagamente humorística, divertida, espirituosa ou ridícula sem sentido”. Contudo, para que haja fluidez e entendimento, um texto satírico deve ter uma referência que o público leitor possa comparar ao conteúdo posto, ou seja, uma sátira não funcionará sem haver um padrão com o qual os leitores possam contratá-la. Por exemplo, no romance *A Abadia de Northanger*, nossa protagonista Catherine Morland conversa com sua amiga Isabella sobre a obra *Os mistérios de Udolpho*, escrito por Ann Radcliffe (1794) que foi uma escritora inglesa pioneira do romance gótico, demonstrando entusiasmo com a leitura:

³ Aqui e nas próximas notas, as traduções livres são de minha autoria. No original: satire are likely to include – but are certainly not limited to – not only satirical verse, but novels, plays, cartoons, cinema films, television programmes and material found online in formats such as social media and YouTube clips.

Mas querida Catherine, o que esteve fazendo toda esta manhã? Continuou lendo Udolpho? — Já começo a ler assim que acordo; e já cheguei ao véu negro. — É mesmo? Que delícia! Ah! Nem morta eu contaria o que há por trás do véu negro! Você não está louca para saber? — Ah! Muito! Que será? Mas não me conte... não quero que me contem de jeito nenhum. Sei que deve ser o esqueleto, tenho certeza de que é o esqueleto de Laurentina. Ah! Estou adorando o livro! Gostaria de passar a vida inteira lendo (Austen, [1817] 2018, p. 37).

Conforme citado anteriormente, a sátira precisa ter um parâmetro de comparação para produzir entendimento. O leitor precisa ter conhecimento prévio do assunto que está sendo satirizado. No caso de *A Abadia de Northanger*, a referência ao romance *Os Mistérios de Udolpho* ajuda a realçar o efeito satírico na obra. Assim, Catherine Morland, no decorrer da narrativa, usa a imaginação com a influência do romance de Radcliffe para fazer comparações com as situações e cenários que está experienciando.

Pode-se dizer que a sátira nos mostra outro aspecto da realidade, apresentando verdades e destruindo ilusões, no caso de *Northanger Abbey* desconstruindo os elementos de um roteiro estereotipado. As fantasias de Morland são essenciais para o desenvolvimento do enredo, de modo que a sátira de Jane Austen seja revelada. Devido às suas alucinações e hipóteses pouco fundadas, por vezes cômicas, fruto das leituras que está fazendo. Por exemplo, a obsessão de Catherine por romances góticos a levam a interpretar mal o General Tilney. Ela o imagina como um vilão, já que ele lembra os personagens de romances góticos aos quais está habituada.

Sobre este aspecto de fantasia, o crítico Northrop Frye afirma: a sátira demanda “uma fantasia mínima, um conteúdo que o leitor reconhece como grotesco e pelo menos um padrão moral implícito, sendo o último essencial [...]” (Frye, 1973, p.219). Isto é, a sátira não precisa ser complexa ou elaborada, pode ser simples e direta, o exagero e o humor servem para criar o efeito satírico, trazendo a mensagem ou propósito subjacente da sátira. Por isso, em *A Abadia de Northanger*, percebemos que o alvo satírico de Austen são os excessos da ficção gótica, e o padrão moral implícito são os perigos de ser excessivamente influenciado pelos romances góticos. A imaginação hiperativa da personagem, Catherine, veicula a sátira que Austen faz a esse gênero. Por meio de Catherine, Austen ironiza as tramas irrealistas e as emoções intensas encontradas no romance gótico.

2.2 O que é gênero gótico?

Mas, afinal, o que é o gênero gótico? Inicialmente, gótico era uma forma de adjetivo relativo aos Godos, uma tribo germânica oriental, originária da Escandinávia. Posteriormente, na Inglaterra no século XVIII, o termo passou a designar narrativas com a presença de elementos marcantes ligados à arquitetura medieval, como descrições de templos, castelos, batalhas, destroços e clima chuvoso ou nublado. Nessa acepção literária, o gótico designa uma estética que mescla romantismo e mistério.

No gênero gótico, a obsessão pela escuridão permite explorar experiências e emoções humanas universais, como medo, surpresa, tristeza etc. Frequentemente esses temas são apresentados por meio de personagens colocadas em situações de extremo perigo ou vulnerabilidade, o que nos permite observar suas reações nestes contextos incomuns. Contudo, vale ressaltar que embora o gênero gótico possa ter

relação com a escuridão, ele também trata de iluminar verdades importantes sobre a vida humana.

O gênero gótico é definido por elementos ou convenções específicas, ainda que em constante evolução, o que o torna aberto a novas interpretações e adaptações, o que explica sua popularidade e longevidade. O gênero gótico não se materializa em um único padrão, e essa variedade ajuda a manter o suspense, provocar o terror e instigar a curiosidade. O gótico dessa mesma forma, é capaz de incorporar diversos contextos culturais e diferentes ideologias em suas narrativas. Sobre esse ponto, o crítico literário Alfred Mac Adam (2005) afirma:

As “novelas” góticas são na verdade romances, um tipo de ficção em prosa que difere em aspectos importantes da novela verdadeira. Eles lidam com as paixões e os personagens que as personificam e usam cenários apropriados para ações inadequadas à sociedade civil comum. (Mac Adam 2005, p.4, tradução nossa).⁴

O mesmo autor destaca a importância das visões de Austen sobre o gênero gótico. Ele argumenta que Austen estava à frente de seu tempo na compreensão das diferenças entre romances e novelas, e sua visão sobre a relação entre ficção e realidade.

Graças a sua natureza flexível e adaptável, o gênero gótico se converte numa ferramenta poderosa para a crítica social. Por exemplo, Austen usa o gótico em *A Abadia de Northanger*, a fim de não apenas satirizar os estereótipos do gênero, mas também criticar as condições sociais e políticas de seu tempo, particularmente as escolhas limitadas disponíveis para as mulheres. Outra escritora gótica, Mary Shelley, também usou o gênero gótico para criticar aspectos da sociedade em que vivia. Neste sentido, o gótico pode ser uma forma muito eficaz de chamar a atenção para os problemas sociais e para aumentar a consciência sobre as injustiças.

Outra concepção postulada pelo gênero gótico está na descrição dos seus personagens principais, muitas vezes apresentadas de maneira melodramática, carregados de fortes emoções. No entanto, na obra em análise, não observamos tais sentimentos na protagonista, Catherine Morland, que não cultivava sentimentos de melancolia, mas sim, é apresentada como uma jovem repleta de devaneios e ideias em busca de uma experiência excitante e cheia de suspense e mistério.

Austen a descreve como uma leitora fiel do gênero gótico, de modo que, no decorrer da narrativa, ela faz referências a obras clássicas do gênero, tais como *Os mistérios de Udolpho*, citado na introdução. A autora recheia sua narrativa com nomes da literatura gótica, o que faz, por exemplo, quando a personagem Isabella lista em voz alta os nomes de obras literárias do gênero gótico, que futuramente Catherine e ela irão ler: (Austen 1817, p.37) " Vou ler para você o nome deles; aqui estão eles, na minha cadernetinha. *Castle of Wolfenbach, Clermont, Mysterious Warnings, Necromancer of the Black Forest, Midnight Bell, Opran of the Rhine e Horrid Mysteries.*

A autora usa os personagens para parodiar as convenções do gênero gótico. A lista citada por Isabella acima, é comicamente longa e melodramática. Esta cena destaca como o gênero gótico costuma ter elementos de enredos irrealistas, e como o gênero tem mais a ver com criar choque e suspense do que contar uma história

⁴ No original: Gothic “novels” are actually romances, a kind of prose fiction that differs in important ways from the true novel. They deal with passions and the characters who embody them and use settings appropriate for actions unsuited to ordinary civil society.

verossímil. Contudo, Austen demonstra a flexibilidade do gênero gótico ao pegar as convenções do gênero e subvertê-las, transformando-as em algo novo e inesperado, o que será discutido no próximo tópico.

3 PUXANDO O LENÇOL DO FANTASMA: SÁTIRA AO GÊNERO GÓTICO NO ROMANCE A ABADIA DE NORTHANGER DE JANE AUSTEN

Existem algumas estratégias principais que Jane Austen usa para satirizar as convenções do gênero gótico na obra *A Abadia de Northanger*. De um modo geral, pode-se dizer que a autora usa a estratégia de exagerar nos clichês do gênero, fazendo-os parecer ridículos e exorbitantes. Para tanto, ela utiliza várias técnicas narrativas, como veremos nos subtópicos a seguir.

3.1 A subversão das expectativas do leitor

Austen subverte as expectativas do leitor através do uso do humor. Isso acontece, por exemplo, quando ela descreve cenários góticos típicos e acontecimentos aparentemente sobrenaturais e de horror, mas desmistifica constantemente esses elementos, que são revelados como ilusões comuns. É o que se pode observar neste trecho do romance:

As janelas, que observou com especial esperança, por ter ouvido falar que haviam preservado a sua forma gótica com um cuidado reverencioso, eram ainda menos como a sua imaginação as representara. Com certeza, o arco de ponta fora preservado - a forma deles era gótica -, podiam até ter batentes, mas cada vidraça era tão ampla, tão clara, tão leve! Para uma imaginação que esperava encontrar as menores divisões e a mais pesada alvenaria, os vitrais pintados, sujos e cheios de teias de aranha, a diferença era muito deprimente. (Austen [1817] 2018, p.164)

Nesta citação, notamos que Austen brinca com as noções preconcebidas do leitor sobre o romance gótico e mostra como essas convenções são muitas vezes irrealistas ou exageradas. A protagonista, Catherine, chega à Abadia de Northanger, imaginando que seja um lugar escuro e misterioso, cheio de segredos e perigos. Mas a autora desmistifica o cenário gótico e retrata a abadia como um lugar normal e cotidiano. Fazendo uso dessa técnica, ela permite que os leitores fiquem envolvidos, além de adicionar um elemento de surpresa à narrativa. Sobre esse aspecto, a escritora Jan Fergus destaca que, na Abadia de Northanger, Austen:

[...] limita-se às duas respostas de suspense e angústia que os romances góticos e sentimentais foram concebidos para obter dos seus leitores. Ela primeiro expõe tudo o que é falso e absurdo nas convenções em que esses romances se baseiam para provocar suspense e angústia, e depois surpreende seus leitores ao usar as convenções com mais sucesso do que seus antecessores, para evocar as mesmas respostas. (Fergus 1983, p.7, tradução nossa).⁵

⁵ No original: [...] Northanger Abbey. In it, Austen limits herself to the two responses of suspense and distress which Gothic and sentimental novels were designed to obtain from their readers. She first exposes everything false and absurd in the conventions these novels rely on to elicit suspense and distress, and then surprises her readers by using the conventions more successfully than her predecessors did, to evoke the same responses

Em outras palavras, Austen através da imaginação da personagem Catherine nos mostra a capacidade de criar suspense e angústia nos leitores, primeiro minando as convenções dos romances góticos e, em seguida, usando essas mesmas convenções para seus propósitos como escritora. Por exemplo, quando Catherine está no seu quarto na Abadia, ela lembra da escrivãzinha sobre a qual Henry havia falado e encontra a chave para abri-la.

Seria inútil, porém, voltar para a cama, com aquele problema por resolver, pois não conseguiria dormir com a consciência de uma escrivãzinha tão misteriosamente fechada em sua proximidade imediata. Mais uma vez, portanto, ela girou a chave, e depois de movê-la de todas as formas possíveis por alguns instantes, com a resoluta celeridade de última esperança, a tampa cedeu à sua mão: seu coração bateu exultante com a vitória, e escancarando os dois batentes, sendo o segundo seguro só por parafusos de fabricação menos primorosa do que a tranca, embora nisso seus olhos não conseguissem distinguir nada de anormal [...] (Austen [1817] 2018, p.172)

Esta passagem, ilustra como Austen causa suspense para depois subverter as expectativas do leitor em relação ao gênero gótico, ao revelar que o que parece ser aterrorizante, na verdade, é algo comum.

Outro ponto para nossa análise é o realismo da nossa protagonista Catherine Morland, uma jovem cheia de inocência e curiosidade juvenil, que comete erros e cresce ao longo do romance. Mesmo possuindo imperfeições, ela também é cativante e inspira empatia. Na primeira página de sua obra, Austen nos apresenta uma personagem comum e com um comportamento sem sofisticação, como contraponto às heroínas do romance gótico convencional:

Ninguém que tivesse visto Catherine Morland quando criança teria imaginado que nascera para ser heroína. Sua situação na vida, o caráter do pai e da mãe, sua própria pessoa e disposição, tudo ia contra ela. (Austen [1817] 2018, p.9)

Austen evidencia a natureza irreal das heroínas góticas, ao criar uma protagonista que é muito mais verossímil e com a qual os leitores podem se identificar. A citação enfatiza que a formação e a educação da protagonista não são as de uma heroína do romance gótico, ela não vem de uma família rica ou aristocrática e não é uma jovem bela e refinada. A imagem estereotipada da mulher idealizada no gênero gótico é, muitas vezes, uma figura passiva, inocente e indefesa que está constantemente em perigo, como Wilhelmina “Mina” Harker na obra *Drácula* (1897), de Bram Stoker.

A educação, no século XVIII, era vista como uma forma de moldar a sociedade e criar um mundo civilizado. Muitos livros de conduta foram publicados nessa época, com o objetivo de ensinar às mulheres como se comportar de maneira “correta”. Esses livros instruíam as mulheres sobre tudo, desde a maneira como deveriam se vestir até a maneira como deveriam falar com os homens. O objetivo era “educar” as mulheres refinadas, de modo a serem capazes de se enquadrar na sociedade e desempenhar seus papéis de esposas e mães. Sobre esse ponto, afirma Todd (2006):

A ansiedade cultural expressou-se no florescimento de um gênero conhecido como livro de conduta. Os livros de aconselhamento sempre existiram, mas o grande número destinado a jovens da pequena nobreza e da classe média foi um fenômeno do período revolucionário e de transição do final do século XVIII e início do século XIX. (Todd 2006, p.22, tradução nossa).⁶

Tratam-se de livros designados para conduta que se concentram no casamento e nos papéis tradicionais de gênero, desestimulando as mulheres de serem intelectualmente curiosas ou criativas. Porém, Catherine Morland não condiz com isso. Sobre essa não conformação a papéis de gênero no romance de Austen, a escritora Janet Todd (2006) afirma:

Na Abadia de Northanger, a heroína permanece intocada pelas instruções do livro de conduta; uma família virtuosa e de bom senso contribui muito para formá-la, assim como sua propensão natural a ignorar a afetação feminina e, quando criança, a rolar pelas encostas verdejantes. (Todd 2006, p.23, tradução nossa).⁷

Esta citação nos revela que Catherine é independente, rebelde e não se enquadra nos padrões de comportamento tidos como adequados às mulheres da época. Em vez disso, ela é moldada pelo seu próprio bom senso, pela sua família e pela sua inclinação natural para desfrutar a vida e a natureza. Ela é ativa, curiosa, disposta a correr riscos e se defender. Esta é uma clara subversão do estereótipo tradicional, tornando Catherine uma personagem interessante. Compreendemos que Austen está criticando o retrato limitado e irreal das mulheres, não apenas no gênero gótico, mas também socialmente.

3.2 Ironia Narrativa

Uma das características distintas de *Northanger Abbey* é a narrativa irônica que ajuda a enfatizar a lacuna entre a imaginação de Catherine e a realidade da situação. A narradora muitas vezes zomba da ingenuidade e credulidade de Catherine, ao mesmo tempo que admira sua energia e espírito.

Ao longo do romance, Austen faz comentários irônicos sobre a imaginação fértil da personagem. Por exemplo, a chegada de Catherine à Abadia de Northanger é permeada pela ironia em relação às expectativas da protagonista sobre o novo cenário. "Ela estava no ponto de ver assassinatos em cada escada e fantasmas em cada armário, e estava, além disso, convicta de que alguém estava seguindo-a." (Austen, [1817] 2018, p. 99). Essa passagem do romance nos revela a tendência da protagonista de enxergar perigo e drama em todos os lugares, mesmo quando não há evidências que apoiem sua fantasia. Dessa forma, Austen usa o humor e a ironia para criticar não apenas a heroína, mas também as expectativas e suposições do público.

⁶ Cultural anxiety expressed itself in the flourishing of a genre known as the conduct book. Advice books had always existed, but the large number aimed at gentry and middle-class girls was a phenomenon of the revolutionary and transitional period of the late eighteenth and early nineteenth centuries.

⁷ No original: In *Northanger Abbey* the heroine remains untouched by conduct- book instruction; a commonsensical and virtuous family do much to form her and so does her natural propensity to ignore feminine affectation and, as a child, to roll down grassy green slopes.

Austen explora a desmistificação das aparências góticas na sua obra, referindo-se às convenções do romance gótico, como fantasmas, castelos sombrios e segredos misteriosos, como se pode ver nesse trecho:

Com essa resolução, deu um pulo para frente e a sua confiança não a decepcionou. Seu esforço decidido abriu a tampa e exibiu aos seus olhos atônitos a visão de uma colcha de algodão, corretamente dobrada, que repousava num canto do baú, em soberana posse! (Austen [1817] 2018, p.168)

Nesse excerto percebemos a ironia de Austen e a maneira como ela brinca com as convenções do gênero gótico. A fantasia de Catherine corre solta, imaginando o armário cheio de esqueletos, tesouros escondidos ou outros horrores góticos. Mas, o que ela acaba encontrando são objetos comuns da realidade dentro do baú. Observamos que o mistério central do romance tem uma explicação racional e não ameaçadora. Esta desmistificação serve para realçar a forma como os romances góticos recorrem frequentemente ao medo e ao desconhecido para criar suspense, em vez de se basearem em acontecimentos do mundo real.

A comparação entre ficção e realidade é um dos temas centrais em *A Abadia Northanger*. Como já mencionado anteriormente, o romance está cheio de referências a romances góticos, como *The Mysteries of Udolpho*, de Ann Radcliffe, e *The Monk*, de Matthew Lewis. Esses romances eram muito populares na época, suas narrativas retratam cenários sombrios e misteriosos, com acontecimentos dramáticos e horríveis. A narradora, muitas vezes, compara as fantasias de Catherine com a realidade, ressaltando a discrepância entre suas expectativas românticas e a verdade prosaica, como se observa nessa outra passagem:

Seus olhos ávidos cravaram-se rapidamente na página. Levou um susto com o que viu. Seria possível aquilo, ou os seus sentidos estavam pregando-lhe uma peça? Uma lista de roupa branca, em letra vulgar e moderna, parecia ser tudo que tinha à frente! Catherine tinha entre as mãos uma conta de lavanderia. Pegou outra folha e viu os mesmos artigos, com pequena variação; a terceira, a quarta e a quinta nada de novo apresentaram. (Austen [1817] 2018, p.175)

Essa passagem, destaca a diferença entre ficção e realidade, e a forma como as expectativas são moldadas pelas histórias que a nossa heroína costumava ler. Os ideais românticos de Catherine, moldados por seu amor pelos romances góticos, fazem com que a protagonista interprete mal as situações. O comentário da narradora sobre estas situações serve frequentemente como uma sátira e uma crítica sutil à visão de mundo de Catherine, deformada pelo consumo excessivo de narrativas góticas.

3.3 Desmistificação dos Elementos Góticos

Outra técnica utilizada por Jane Austen é desmistificar os elementos góticos, as convenções do gênero. Para tanto, ela explica eventos aparentemente misteriosos de maneira lógica e racional. Assim, o que inicialmente parece ser um segredo sombrio na *Abadia de Northanger* não passa de uma série de mal-entendidos e interpretações equivocadas. Usar o humor é outra técnica para ironizar as convenções

góticas, como a cena em que o General Tilney diz para Catherine. Usando dos tropos góticos como uma atmosfera de suspense e medo, e que ao mesmo tempo zomba das convenções do gênero gótico.

– Com que medo vai examinar a mobília do seu quarto! E o que vai perceber? Nada de mesas, toilettes, guarda-roupas ou gavetas, mas de um lado talvez os restos de um alaúde quebrado, de outro um enorme baú que ninguém consegue abrir sobre a lareira o retrato de algum belo guerreiro, cujas feições a impressionarão de um modo tão incompreensível, que não vai conseguir despregar dele os olhos. (Austen [1817] 2018, p.161)

Nesta citação a personagem influenciada pela obra de enredo gótico se imagina explorando a Abadia e encontrando misteriosos objetos, guiada por uma situação cheia de melodrama e suspense. Austen desmistifica os elementos góticos, mostrando que eles não são tão assustadores e misteriosos como podem parecer à primeira vista.

Outra citação do romance ironiza a tendência de Catherine de se imaginar em um romance gótico e ver mistérios onde não há nenhum:

O que viu a havia paralisado e perturbado até o miolo dos ossos. Viu um aposento grande e bem proporcionado, uma bela cama coberta de tecido de algodão, arrumada como as criadas o fazem quando têm tempo de sobra, uma reluzente estufa de Bath, guarda-roupas de mogno e cadeiras pintadas com esmero, sobre as quais se derramaram os quentes raios de um sol poente através de duas janelas de guilhotina! (Austen [1817] 2018, p.199-200 – ênfase nossa).

Nesta passagem, Catherine explora a misteriosa sala da Abadia, imaginando encontrar nela uma cena de horror e violência. Porém, o que ela encontra é uma sala luxuosa com belos móveis. Mais uma vez, a autora realça o contraste entre as expectativas de Catherine e a realidade da sala. O gênero gótico geralmente apresenta salas escuras, ameaçadoras e castelos decadentes, mas a sala da Abadia é o oposto disso, mostrando o ridículo de cultivar uma imaginação muito fértil, como faz Catherine.

3.4 Crítica à Sociedade e ao Consumo Literário

Além de ser uma paródia do romance gótico, *A Abadia de Northanger* é uma celebração do poder da literatura. Trata-se de um romance que leva muito a sério o seu próprio meio de expressão e explora as formas como as narrativas podem influenciar as nossas vidas e a nossa compreensão do mundo. Sobre esse aspecto, afirma Beard:

Neste romance, Austen, de forma divertida e ao mesmo tempo séria, concentra-se nos romances tanto como fonte de entretenimento quanto como meio para transmitir verdades. Catherine, uma leitora ávida de um dos gêneros contemporâneos mais populares, o romance gótico, tem que distinguir continuamente entre ficção e realidade, e ainda assim tem que aprender dolorosamente sobre as interconexões entre os dois, enquanto

finalmente passa por uma experiência talvez menos abertamente sensacional... (Beard 2007, p.131, tradução nossa).⁸

Explorando a relação entre ficção e realidade, a personagem Catherine precisa constantemente descobrir onde está a fronteira entre ambas. Além disso, o romance tematiza os perigos e prazeres da leitura de romances.

Austen apresenta na obra o consumo literário exacerbado, retratado na prática da protagonista, a fim de criticar a popularidade da ficção gótica da época. A leitura voraz de romances góticos da protagonista incentivou a criar cenários espantosos e irrealistas em sua mente, influenciando sua imaginação e levando-a a confundir vida real com ficção.

Levada por expectativas irreais e um desejo de drama e aventura, Catherine dá asas a sua imaginação que corre solta. Esse apagamento da fronteira entre ficção e realidade faz com que ela comece a imaginar o General Tilney como um vilão saído diretamente de um romance gótico. Catherine pressupõe que o General Tilney tenha cometido crueldade com a sua esposa, a "crueldade" a que se refere é o tratamento supostamente dispensado pelo General Tilney à sua falecida esposa. O General é acusado de ser um marido negligente, apático e superficial, e esta é uma parte importante da imaginação de Catherine sobre ele. Em um momento em que considera seus sentimentos pelo General Tilney, a personagem reflete:

Isto mesmo, aversão! Sua crueldade com uma mulher tão encantadora tornou-se abominável a seus olhos. Lera muita coisa sobre personagens assim, personagens que o sr. Allen costumava chamar de antinaturais e exagerados; mas ali estava uma prova evidente do contrário. (Austen [1817] 2018, p.184)

Esta passagem mostra como o exagero da leitura na ficção gótica por Catherine afetou sua percepção da realidade. Ela não consegue ver o General Tilney como uma pessoa real, mas apenas como um personagem de um romance, e o julga com base nos estereótipos de homens cruéis e vilões sobre os quais leu. Catherine definitivamente segue um caminho sombrio e dramático quando imaginou o General Tilney como um assassino. Envolvida na trama de seus romances góticos, ela se deixa levar por sua imaginação. Suas suspeitas baseiam-se na forma como a casa é mantida e no comportamento do General. Por exemplo, Catherine fica impressionada com o silêncio sombrio e o matiz sombrio dos quartos, que ela imagina serem redutos de horror e crueldade hedionda.

Guiada pela curiosidade e imaginação, Catherine investiga a "sala secreta", ou seja, o quarto da falecida Sra. Tilney. Sua imaginação hiperativa começa a dominá-la e ela passa a acreditar que algo sinistro aconteceu com a mãe de Henry:

[...] Catherine esperara fortes emoções, e ali estavam elas. Primeiro, o espanto e a dúvida tomaram conta dela; logo em seguida um raio de senso comum somou a eles amargas sensações de vergonha. Ela podia não ter-se

⁸ No original: In this novel, Austen, both playfully and seriously, focuses on novels as both the source of entertainment and a means of conveying truths. Catherine, an avid reader of one of the most popular contemporary genres, the Gothic novel, has to discriminate contentally between fiction and reality, and yet has to learn painfully about the interconnections between the two as she finally undergoes an experience perhaps less overtly sensational.

enganado sobre o quarto; mas quão grosseiramente se enganara sobre tudo o mais! [...]” (Austen [1817] 2018, p.200)

Nesta citação, vemos como a narradora mostra Catherine descobrindo que a “sala secreta” era, na verdade, apenas os aposentos privados da falecida Sra. Tilney. Ela havia falecido há algum tempo e o quarto tinha sido mantido fechado por respeito. Catherine interpretou mal a dor e a tristeza da família como algo sinistro, quando na realidade eles estavam apenas de luto pela perda de um ente querido.

Quando Catherine saiu do aposento, Henry a confronta por tal ato, e enfatiza a contribuição do consumo acrítico de ficções literárias para a distorção da realidade. Neste sentido, Henry aconselha que ela: “[...] consulte seu próprio entendimento, seu próprio senso do provável, suas próprias observações do que se passa ao seu redor.” (Austen, [1817] 2018, p. 204). Em outras palavras, Henry Tilney afirma que Catherine deve parar de ler demais e começar a olhar o mundo ao seu redor de uma forma mais racional; que ela use seu próprio julgamento e pense por si mesma, em vez de se deixar levar por suas leituras.

Austen, também critica a superficialidade e artificialidade da sociedade de classe alta, mostrando como a riqueza e o status podem distorcer a nossa percepção da realidade, como mostra a citação abaixo:

Partiram; e com um ar imponente, um passo altaneiro, que chamou a atenção, mas não pôde varrer as dúvidas de Catherine, a moça de muitas leituras, ele abriu caminho através do saguão, pela sala de visita comum e uma inútil antecâmara, até uma sala, magnífica em tamanho mobiliário - a verdadeira sala de visitas, usadas para convidados de importância. (Austen [1817] 2018, p.186)

Esta passagem expõe como Austen usa a personagem Catherine para comentar sobre classe e hierarquia social. As descrições extravagantes da casa do General Tilney mostram a importância que ele dá ao status e às aparências. O General quer impressionar seus convidados com sua riqueza e poder, e a grande e luxuosa sala de estar é um símbolo da artificialidade e da grandeza vazia do estilo de vida da classe alta.

Além de General Tilney, a autora também nos mostra o caráter superficial da sociedade inglesa de sua época através de personagens secundárias, a acompanhante de Catherine, a Sra. Allen, um bom exemplo de conformidade aos ditames da alta sociedade. A Sra. Allen está mais preocupada com assuntos triviais, como roupas e refeições sofisticadas, do que com as coisas significativas da vida, como se pode ver nesse trecho: “[...] longe de todas as preocupações mundanas sobre roupas e refeições, incapaz de acalmar os temores da Sra. Allen acerca do atraso de uma costureira que aguardava.” (Austen, [1817] 2018, p. 50)

Diferente da Sra. Allen, Catherine dá ênfase à emoção e aos laços afetivos, ela se preocupa com seus amigos e familiares, mas, a Sra. Allen apenas se interessa com sua própria aparência.

Notamos que a Sra. Allen e o General Tilney são ótimos exemplos do comentário crítico social de Jane Austen. A Sra. Allen é um exemplo perfeito dos ricos sem ocupação, ela não tem propósito real na vida e ignora completamente o mundo ao seu redor. Percebemos claramente que a autora está fazendo uma crítica à superficialidade da alta sociedade inglesa no período georgiano.

3.5 Paródia de Personagens Góticos

A paródia é um gênero textual que se constrói na relação intertextual entre duas obras. No caso do romance analisado, Austen mostra representações satíricas dos personagens encontrados em romances góticos, exagerando suas características, e ao exagerar esses elementos, ela mostra como eles são irrealistas.

Alguns dos estereótipos góticos comuns incluem o herói taciturno e misterioso, a heroína virtuosa e ingênua, o vilão sobrenatural ou maligno, o castelo ou uma casa remota e sombria e a donzela em perigo. Na obra *A Abadia de Northanger*, Jane Austen também usou essas características comuns ao romance gótico, mas o fez de uma forma diferente. Austen apresenta personagens que satirizam os estereótipos góticos, por exemplo, a personagem Isabella Thorpe, representa a figura da amiga traiçoeira, interesseira e astuta. Ela é vaidosa, manipuladora, egocêntrica e não hesita em usar os outros para conseguir o que deseja. Contudo, no início, Austen apresenta a personagem Isabella como uma garota doce e charmosa, mas à medida que a história avança, sua verdadeira natureza é revelada.

Isabella e a heroína se conheceram na Pump Room⁹ na cidade de Bath, ambas compartilhavam da mesma paixão, o amor por livros e em especial romances góticos, o que as leva a formar uma amizade baseada no amor mútuo pela leitura, como se nota nesse fragmento:

Chamavam-se pelo primeiro nome, estavam sempre de braços dados quando caminhavam, erguiam a cauda do vestido uma da outra para a dança e não queriam ser separadas enquanto dançavam; estavam dedicadas a se encontrar, apesar da água e da sujeira, e se trancaram no quarto para ler romance juntas. (Austen [1817] 2018, p.34)

Esta passagem mostra realmente o vínculo intenso que Isabella e Catherine desenvolveram no início de sua amizade. Elas eram amigas muito próximas, quase como irmãs, iam às compras, bailes e passeios juntos. Infelizmente, também podemos perceber que o relacionamento delas, ao menos da parte de Isabella, era construído sobre uma base muito superficial, era tudo sobre a leitura de romances e interações baseadas na aparência.

Ao contrário de Isabella, no entanto, o interesse de Catherine na amizade é inteiramente genuíno. Catherine realmente acredita e se orgulha que sua amizade com Isabella é baseada em uma conexão verdadeira. Em uma conversa com seu irmão James, Catherine expressa sua afeição por Isabella.

Ela lhe fez os maiores elogios possíveis; e do louvor de uma moça como a Srta. Thorpe, mesmo você, Catherine – tomando-lhe afetuosamente a mão – , pode orgulhar-se. [...] – E estou mesmo orgulhosa - replicou ela – gosto demais dela. (Austen [1817] 2018, p.49)

Esta passagem nos mostra o quão honesta e aberta Catherine é com seus sentimentos e como é completamente sincera sua admiração por Isabella. Ela não está manipulando Isabella ou tentando usá-la para qualquer tipo de ganho. Austen

⁹ **Pump Room** - Salão termal onde se podia beber água mineral a partir de um fontanário e onde aconteciam os encontros sociais, jogos e bailes da cidade de Bath, no Período da Regência ou Período Georgiano.

parodia o gênero gótico em relação a Isabella exagerando seu comportamento o tornando-o ridículo, por exemplo, suas constantes tentativas de imitar as heroínas melodramáticas dos romances góticos parecem bobas e exageradas, em vez de românticas e charmosas. Austen também destaca os excessos e exageros do gênero gótico ao usar o comportamento de Isabella para satirizá-lo.

— Aí está — exclamou Isabella —, o senhor ouviu o que a sua irmã disse, e mesmo assim não lhe dá ouvidos. Muito bem, lembre-se de que a culpa não é minha, se causarmos alvoroço entre todas as velhas senhoras de Bath. Venha comigo, minha querida Catherine, pelo amor de Deus, e fique ao meu lado. (Austen [1817] 2018, p.57)

Essa passagem é um grande exemplo do melodrama do gênero gótico. O medo exagerado de Isabella de causar um “tumulto” é exagerado e humorístico. Além disso, Austen usa o cenário de Bath, uma cidade conhecida por sua sociedade refinada, para destacar o absurdo do comportamento de Isabella.

No decorrer do romance, Austen demonstra o quão insensível e indiferente é Isabella para com a heroína. “Catherine podia, talvez, acusar Isabella de falta de carinho para com ela e suas dores, tão pouco parecia preocupar-se com elas e tão inadequado era o consolo que oferecia.” (Austen, [1817] 2018, p. 90). Catherine começa a perceber que Isabella não é a amiga gentil e atenciosa que finge ser. Neste sentido, Isabella representa uma sátira ao comportamento humano e contrasta fortemente com a visão mais idealista e romântica dos relacionamentos que é frequentemente encontrada nos romances góticos.

3.6 Desfecho Romântico Realista

Para subverter os clichês do gênero gótico, em *A Abadia de Northanger*, Austen apresenta uma visão realista dos relacionamentos românticos ao contrário dos romances góticos, que frequentemente têm desfechos melodramáticos e cheios de reviravoltas. Austen conclui sua obra com um final realista e satisfatório para os personagens, um final que não envolve tramas sobrenaturais ou resoluções mirabolantes.

Percebemos que a relação entre Catherine e Henry é bem mais complicada do que no romance sentimental ou gótico típico, já que ambos os personagens não têm um final simples e feliz. Desse modo, Austen apresenta um retrato mais realista da vida e do amor, o que torna seu final muito mais plausível e cativante.

Austen também reflete as mudanças no cenário social e político de sua época, como destaca (Mac Adam 2005):

A sociologia de Austen também reflete uma realidade literária, política e social em evolução. Seus personagens principais não são nobres, embora alguns possam ser membros da aristocracia titulada. (Mac Adam 2005, p.10, tradução nossa).¹⁰

¹⁰ No original: Austen’s sociology too reflects an evolving literary, political, and social reality. Her main characters are not nobles, though some may be members of the titled aristocracy.

Essa citação apresenta como Austen usa seus personagens para comentar sobre as mudanças no mundo ao seu redor. Por exemplo, o General, representa as formas antigas e tradicionais de pensar, a aristocracia; já outros personagens, como Catherine, representam uma forma de pensar nova e moderna, relacionada à classe média.

Existem várias críticas sociais importantes que Austen faz em *A Abadia de Northanger*, como a crítica à classe, ao status social, a crítica aos papéis de gênero, a crítica ao consumismo e ao materialismo. Um exemplo de passagem que explora esses aspectos é quando Henry está conversando com Catherine e diz: “Quando você não tem compromisso na cidade, prazer na sociedade ou em outro lugar, eu me pergunto se você deveria estar no campo” (Austen, [1817], 2006, p. 24).

Esta última passagem destaca como o status social e a classe estão ligados ao lazer e ao entretenimento, e como podem determinar onde uma pessoa pode passar o seu tempo. Como sabemos, status e casamento são definitivamente duas das questões sociais mais importantes que Austen explora em toda sua obra. No caso de *A Abadia de Northanger*, há um trecho em que Catherine e Henry estão conversando sobre seus planos futuros e ele diz: “Você não acha que ao aceitar tal oferta ela estaria exposta a uma incerteza maior do que ao permanecer solteira? Pois a vida é muito incerta” (Austen, [1817], 2006, p.180). Esta passagem problematiza a ideia de que o casamento é frequentemente apresentado como uma solução para os problemas da mulher, uma vez que indica que o matrimônio também pode ser uma fonte de novos problemas e desafios. Neste caso, ela salienta que o casamento, que é frequentemente retratado como uma solução feliz e perfeita nos romances góticos, pode na verdade ser bastante incerto e imprevisível. É uma das maneiras pelas quais Austen mostra que os romances góticos são irrealistas e não refletem a vida real.

Outra passagem em que se realiza uma crítica social, ocorre quando o General Tilney convida Catherine para ficar na Abadia, mas abrevia sua estadia de forma abrupta, quando descobre que ela não é tão rica como ele inicialmente acreditava. Ele fica chocado com a falta de status social dela e imediatamente a manda para casa. Este é um exemplo claro da superficialidade e do esnobismo das classes superiores, e de como julgavam as pessoas com base na sua riqueza e status, e não no seu caráter ou inteligência. Eis uma passagem chave do romance que destaca esse ponto:

O general não tinha nada do que acusá-la, nada do que imputá-la, a não ser ela ser o objeto involuntário e inconsciente de um engano que seu orgulho não poderia perdoar e que um orgulho melhor teria vergonha de possuir. Ela era culpada apenas de ser menos rica do que ele supunha que ela fosse. (Austen [1817] 2018, p.253)

Esta passagem é narrada por Henry Tilney, filho do General Tilney, que tem interesse amoroso em Catherine. Ele tenta entender as ações de seu pai e explica a Catherine que sua falta de riqueza é a razão pela qual ela foi convidada a deixar a Abadia. Henry tranquiliza Catherine, ao dizer que ela não fez nada de errado e que as ações do General são um reflexo das falhas de caráter dele, não das dela. Esta passagem também nos mostra a atitude superficial e discriminatória do General Tilney, e como ele rejeita Catherine simplesmente porque ela não pertence a uma família rica.

A conclusão de *A Abadia de Northanger* está alinhada com o final realista característico na escrita de Austen. Analisamos que não é o final feliz estereotipado

do romance gótico, onde a heroína é resgatada por um belo príncipe e eles vivem felizes para sempre.

O excerto citado abaixo nos mostra a interferência injusta do general no relacionamento de Catherine e Henry, que embora triste, acabou fortalecendo o vínculo entre os dois e levando a um relacionamento mais sólido e gratificante:

[...] é muito bom iniciar a perfeita felicidade com as idades respectivas de vinte e seis e dezoito anos; e declarando-me, além disso, convicta de que a injusta interferência do general, longe de prejudicar a felicidade do casal, foi talvez bastante propícia a ela... (Austen [1817] 2018, p.261)

Essa citação também destaca o crescimento de Catherine ao longo romance. No início ela é arrebatada pela versão romantizada e gótica da vida sobre a qual tanto leu nos romances. Mas, no final, ela aprendeu a ver o mundo de uma forma mais sutil e realista, compreende que os relacionamentos da vida real não são tão apaixonantes e cheios de drama como os representados nos romances. Assim, Austen nos mostra a transição da heroína da ingenuidade à maturidade, trazendo um final fundamentado na realidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho nos proporcionou um estudo acerca da sátira ao gênero gótico, assim como o entendimento acerca dos tropos narrativos do romance gótico que surgiu no século XVIII. Todas essas questões foram abordadas por meio de uma análise da sátira que Austen fez ao gênero gótico e à obsessão de seus contemporâneos pelo sobrenatural na literatura.

Ao se analisarem os tópicos citados, foi possível fazer uma conexão entre teoria e a obra. No que diz respeito à sátira ao gênero gótico, conseguimos compreender que os tropos e convenções do romance gótico são fantasiosos e exagerados e que Austen demonstra isso, utilizando um cenário isolado e sombrio que é descrito como um ambiente cotidiano e comum.

No que se refere à obsessão pelo sobrenatural na literatura, conseguimos entender que no final do século XVIII estavam acontecendo muitas mudanças, em especial a Revolução Industrial, um processo que acarretou grandes transformações sociais, econômicas e tecnológicas. Esse contexto explica, em parte, a obsessão por enredos góticos, nos quais refletia os medos e ansiedades do desconhecido e do incontrolável das mudanças da época. No caso da obra de Austen, podemos encontrar essa obsessão na personagem principal. A obsessão de Catherine pelos romances góticos retrata essa mudança e a faz crescer e amadurecer, na medida em que ela vai deixando de lado a imaginação aflorada e passa a focalizar a realidade e cultivar o bom senso.

Acreditamos que nossos objetivos foram alcançados, levando em consideração que conseguimos responder à pergunta de pesquisa, ao identificar as estratégias utilizadas por Jane Austen para satirizar as convenções do gênero gótico no romance com auxílio de Todd, Frye, Fergus, Beard e Gilmore.

Finalmente, vale lembrar que o trabalho não esgota outras possibilidades de pesquisa. Northanger Abbey possibilita realizar outros e mais profundos estudos, como, por exemplo, relacionar os temas centrais do romance com a popularidade do gótico e do sobrenatural na literatura e nas diversas mídias (*TV, streaming, cinema, games etc.*) do mundo pós-moderno.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. **A Abadia de Northanger**. Tradução: Roberto Leal Ferreira - São Paulo: Martin Claret, 2018.
- AUSTEN, Jane. **Northanger Abbey**. London: Penguin Classics, 2006.
- AUSTEN, Jane. **Northanger Abbey**. Notas de: Alfred Mac Adam - NY: Barnes & Noble Classics, 2005.
- BEARD, Margot. **Visions of romance - anxieties of common life - Jane Austen's Gothic novel**. London: Routledge, 2007.
- DIANA, Daniela. **Paródia e Paráfrase**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/parodia-e-parafrase/>> Acesso em: 27 nov. 2023
- FRYE, Northrop. **Anatomy of criticism**. 3.ed. New Jersey: Princeton University Press, 1973.
- FERGUS, Jan. **Jane Austen and the Didactic Novel**. London: The Macmillan, 1983.
- GILMORE, John T. **Satire: The critical idiom**. NY: Routledge, 2018.
- QUINTERO, Ruben. **A companion to satire: ancient to modern**. USA: Blackwell Publishing, 2007.
- SILVA, Michele Maria, OLIVEIRA, Guilherme Saramago, SILVA, Glênio Oliveira. **A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos**. V.2 . Rio de Janeiro: Revista Prisma, 2021. n.1, p.91-109.
- TANNER, Tony. Jane Austen: 'By a Lady'. The New York Times, 1979. Disponível em <<https://www.nytimes.com/1979/05/06/archives/jane-austen-by-a-lady-austen.html?smid=url-share>> acesso em: 25 de nov. 2023.
- The Royal Household. The Hanoverians. UK. Disponível em: <<https://www.royal.uk/hanoverians>> acesso em: 7 de out. 2023.
- TODD, Janet. **The Cambridge Introduction to Jane Austen**. UK: Cambridge University Press, 2006.